

OS MISTÉRIOS DO EGITO ANTIGO

The mysteries of Ancient Egypt

Johnni Langer*

VERCOUTTER, J. *Em busca do Egito esquecido*. São Paulo: Objetiva, 2002. Ilustrado. 176 p.

A reconstrução das grandes descobertas arqueológicas sempre foi motivo de enorme atração para o público, especialmente quando a civilização investigada é o Egito Antigo. Não possuindo nosso país uma tradição de estudos em história da arqueologia, o recente lançamento *Em busca do Egito esquecido* é um fato a ser comemorado. Tanto pelos prodigiosos conhecimentos do autor Jean Vercoutter – uma dos maiores nomes da egiptologia francesa, falecido em 2000 – quanto pela qualidade gráfica da obra, integrante originalmente da coleção de Arqueologia da Gallimard.

A narrativa acessível do texto nos remete inicialmente ao fim do paganismo ocidental, no século IV d.C., quando o conhecimento a respeito dos hieróglifos foi perdido. Desde esse momento, o Egito tornou-se uma terra de mistérios, um local deslocado das graças de Clío. Restou aos sábios apenas os depoimentos clássicos de viajantes como Heródoto e Diodoro da Sicília.

Já sob a égide de Cristo, os novos viajantes iniciam após a Idade Média suas grandes metas em relação à antiga terra dos faraós: coletar a maior quantidade possível de relíquias transportáveis. Percebemos muito bem a sensibilidade de Jean Vercoutter ao tratar das rupturas na mentalidade exploratória, no instante em que principia suas considerações sobre o Setecentos. Com um profundo conhecimento em documentos da época, o autor consegue separar nitidamente os viajantes que ainda mantinham um “olhar de antiquário”, dos que já começavam a desenvolver uma percepção

* Doutor em História pela UFPR. Professor de História Antiga e Medieval na Unespar, campus de União da Vitória, PR. thor_<odin7@hotmail.com>

moderna a respeito das ruínas antigas. Ou seja, a diferenciar os simples colecionadores dos pesquisadores em vias de iniciar um método mais criterioso para a arqueologia. Um desses estudiosos especialmente citado pelo autor é Vivant Denon, que com seus livros e desenhos iniciou a moda da “egitomania” na Europa no início do século XIX. Esse novo espírito científico é muito bem exemplificado na composição alegórica do gabinete de Denon, executada por Benjamin Six em 1811: o sábio escreve cercado de inúmeras estátuas, objetos antigos e livros. O Egito ainda não era acessível epigraficamente, mas se apresentava como um imenso museu, repleto de possibilidades investigativas do ponto de vista da cultura material. Aliás, essa é a idéia básica que podemos perceber no frontispício da monumental obra *Description de L’Egypte* (1809-1822): estátuas, canopus, frisos e esfinges se misturam aleatoriamente ao lado de obeliscos e templos. A terra do Nilo é um gigantesco museu ao ar livre, “esperando” os exploradores eruditos provenientes do Velho Mundo para tentar decifrar seu mistério. Mas esse local também não possui semelhança com nenhuma outra parte do mundo, sendo únicas suas maravilhas arqueológicas. O imaginário reforça a idéia de maravilhamento, como percebemos nas palavras do próprio Denon: “afigura-se-me o grupo mais pitoresco e a mais pasmosa representação da história dos tempos: nunca se sentiram os meus olhos e a minha imaginação tão vividamente impressionados quanto à vista desse monumento”.¹

O período mais enfatizado em todo o livro é o século XIX, durante o auge das viagens de exploração e escavações ao país do Nilo. Neste momento o leitor pode claramente constatar que alguns personagens históricos mereceram um certo entusiasmo por parte de Vercoutter. Por exemplo, ao tratar do explorador Giovanni Belzoni, tão criticado pelos arqueólogos modernos por seus métodos considerados poucos escrupulosos, não podemos deixar de notar certa admiração. E o restante do livro é dedicado a detalhar desde a façanha de Champollion, traduzindo os hieróglifos, até os estudos de Mariette, Petrie e a espetacular descoberta do túmulo de Tutankamon por Carter em 1922.

¹ DENON, D. V. Voyage dans la base et la haute Egypte, 1802. In: CERAM, C. W. (Org.). *O mundo da arqueologia: os pioneiros contam a sua própria história*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

Muito mais do que o conteúdo textual, a maior importância do livro em questão é a sua estrutura iconográfica, um verdadeiro deleite de obras extremamente importantes para o historiador interessado em aprofundar o imaginário da arqueologia. É por meio das imagens que podemos perceber a verdadeira força, o verdadeiro potencial simbólico do Egito para os europeus. Nenhuma civilização conseguiu reunir tantas sensações, tamanhas diferenças de percepções visuais e de conteúdos simbólicos sobre cultura material.

O Egito encanta. É o que constatamos ao admirar as ilustrações de Jean de Thévenot, 1664, e Sicard, 1717. Uma terra onde o maravilhoso era considerado corriqueiro e os deuses imcompreensíveis e fascinantes, mesmo para os politeístas gregos e os posteriores cristãos medievais.

O Egito aterroriza. O caráter temerário deste país teve início em plena antiguidade, com diversas histórias sobrenaturais envolvendo sepulcros e múmias. Os próprios romanos temiam a terra dos faraós, mas é com a chegada do Oitocentos (sec XIX) que essas representações tornam-se realmente populares. A ilustração *Vista do interior da grande pirâmide*, 1809, é um exemplo perfeito: caminhando pelas galerias, os olhos dos transeuntes parecem saltar, num misto de medo e curiosidade. Em uma aquarela de Wilkinson, 1837, a atmosfera de pavor é ainda mais acentuada. Uma mulher procura antiguidades em uma sala repleta de múmias: a fumaça do candeeiro mistura-se com a tonalidade do ambiente e das paredes, provocando uma sensação de mistério, sonho e magia. Ao redor da fumaça percebem-se pequenos traços de enigmáticos desenhos egípcios cobrindo as laterais da sala. O temor do passado é também o medo da morte, que, no caso das múmias, parece não ter ocorrido.

Na realidade, a famosa maldição dos faraós – o grande temor moderno do Egito antigo, tornada popular pelos jornalistas após a abertura do sarcófago de Tutankamon em 1922 – já encontrava-se solidificada na imaginação há muitos séculos. Manuais para caçadores de tesouros do século XVIII e XIX continham fórmulas para apaziguar os espíritos e entidades temíveis, supostamente presentes nos ambientes secretos do Egito...²

² LANGER, J. As origens da Egiptologia. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, ano 3, n. 7, mar. 2001.

Foi com o romantismo europeu que essas duas fórmulas imaginárias foram representadas na arte, principalmente após 1810. A aquarela *Philae* – apresentada em uma prancha dupla no livro de Vercoutter –, publicada por Wilkinson em 1837, é um soberbo exemplar dessa visão artística na arqueologia. Diversos barcos contornam a ilha de Philae, revelando as ruínas majestosas, cujo reflexo na água dá um tom misterioso, quase mágico ao cenário idílico que se forma a partir da observação do pintor.

Um dos únicos pontos fracos do livro foi ter incluído poucas imagens do escocês David Roberts, o mais importante pintor de temas arqueológicos do Oitocentos. Vercoutter selecionou apenas quatro pinturas, que não dão conta de apresentar ao leitor a grandiosidade da obra do escocês. Talvez pela fama deste viajante-artista, com suas pinturas em muitos *sites* da Web e em diversas obras de popularização na França. De qualquer modo, o livro de Vercoutter também apresenta um material não muito divulgado, como as maravilhosas aquarelas de Nestor L'Hôte, que acompanhou Champollion em sua viagem ao Egito. A pouco conhecida *Philae*, 1845, conservada atualmente no Museu do Louvre, é duplamente importante: nos dá conta de retratar o acampamento da expedição, além de representar em tons fortes e vibrantes as cores originais do famoso templo de Ísis.

A parte final do livro *Em busca do Egito esquecido* é documental, apresentando excertos de narrativas clássicas e contemporâneas. Algumas descrições são simples curiosidades de viajantes, como as do escritor Mark Twain e Eugène Fromenti. A mais interessante é uma passagem da obra *La Serapeum de Memphis* (1856), de Auguste Mariette, concedendo alguns detalhes da fascinante descoberta da necrópole dos touros Ápis. Como complemento, o livro também traz bibliografia, créditos das ilustrações, autoria e data das imagens e localização dos acervos. Enfim, uma obra indispensável para o arqueólogo interessado em entender melhor os rumos de sua ciência, e também para o historiador que tenta compreender as diferentes interpretações sobre o passado monumental. Pois para o imaginário ocidental, o Egito antigo foi e continua sendo a mais fascinante civilização de todos os tempos.

Referências

DENON, D. V. Voyage dans la base et la haute Egypte, 1802. In: CERAM, C. W. (Org.). *O mundo da arqueologia: os pioneiros contam a sua própria história*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

LANGER, J. As origens da Egiptologia. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, ano 3, n. 7, mar. 2001.